

**Resenha do Livro: BORGES, Maria Eliza Linhares. Inovações, coleções, museus. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 204 p.**

### **Patrimônio científico e técnico como perspectiva de inovação e de práticas de conhecimento e preservação**

Ivaneide Barbosa Ulisses\*

O livro é uma coletânea constituída por um conjunto de treze artigos, uma apresentação e mais um prefácio. As questões: “*O que conservar como memória material e imaterial? Como inventariar? Como proteger? Como transmitir às jovens gerações o gosto pelos museus, suscitar vocações e demonstrar assim, que a ciência e a técnica são partes integrantes da cultura?*”<sup>1</sup>, de maneira geral, norteiam o conjunto da obra.

O volume possibilita ao leitor conhecer as condições de produção de coleções especificadas em cada capítulo, bem como os processos de criação dos espaços que abrigam tais conjuntos de objetos – museus técnicos, industriais e das ciências –, alusivos aos séculos XIX e XX. Os autores são de países diversos (Itália, França, Canadá, Bélgica, Japão e Brasil); alguns deles inicialmente publicaram seus textos na revista *Revue du Musée des arts et métiers*<sup>2</sup>, cedendo direitos para composição da presente coletânea, coordenada pela pesquisadora Maria Eliza Borges.

Além da diversidade das origens pátrias, os escritores trazem ainda, a heterogeneidade de suas profissões, entre elas: historiadores, curadores, pesquisadores profissionais, diretores de museus, arquivistas, sociólogos. O que cabe perfeitamente na ideia-chave da obra, isto é, unir diferentes perspectivas acadêmicas para problematizar via pesquisas questões, tais como as já esquematizadas no parágrafo inicial da presente resenha.

Os museus de ciência e técnica são apreendidos nos textos como espaços de memória e igualmente de inovação, o que nos remeteu ao trecho da canção do compositor brasileiro Cazusa, “Eu vejo um museu de grandes novidades...”<sup>3</sup>, em que o cancionista contra-ataca o senso comum, que ainda liga museu a “coisa velha”, ocorre no livro um processo semelhante a do exposto pelo compositor. Ou melhor,

os objetos não são apresentados apenas como testemunhas de avanços tecnológicos que dão características das sociedades que os criaram em dado passado, eles igualmente contribuem para novos benefícios, novas adaptações, invenções. Sílvia Figuerôa no prefácio esclarece:

Museus... “lugares de memória” e de “conservação” de patrimônio... Raramente alguém, de modo espontâneo, associaria museus a inovação... No entanto, se tomarmos por base a ideia de inovação que circula há mais de uma década, associação parecerá óbvia...<sup>4</sup>

Ao continuarmos, encontramos o artigo de Dominique Poulot, “O modelo republicano de museu”, em que o pesquisador francês problematiza as noções de tradição, mudança e ruptura a partir do Conservatório de Artes e Ofícios. Dominique Poulot aponta o teor educacional e cívico do referido espaço na:

[...] perspectiva de ruptura com a tradição do gabinete de estudos reservados aos especialistas: ele (Conservatório) pretende explicar a construção e a utilização das máquinas e das ferramentas utilizadas nas artes e nos ofícios, em nome dos princípios gerais da educação<sup>5</sup>.

Já o texto “Os registros de invenções na Lion oitocentista” de Daisy Bonnard e Liliane Pérez, proporciona uma reflexão em torno do como ocorre à constituição de uma coleção museológica candidata a se liga explicitamente as percepções das elites de sua origem. E fica claro, assim como demonstra o próprio termo “elites” no plural entregue pelas autoras, que tal constituição e suas escolhas são resultantes de divisões e disputam, mesmo quando haja uma aparente unidade desejada.

Em Lion, no século XIX, as elites locais implantaram um sistema coletivo de gestão da invenção, na linha do municipalismo herdado do Antigo Regime, calcado no ideal de acesso aos saberes e a circulação de conhecimentos característicos do iluminismo. Ao mesmo tempo, Lion torna-se um lugar privilegiado do reconhecimento dos direitos de propriedade<sup>6</sup>.

Fiorenzo Galli e Laura Ronzon, em “O Museu Leonardo da Vinci de Milão”, preocupam-se com a trajetória desse museu. Os autores trabalham com três ideias-chaves no artigo: a primeira delas articula museu, cultura e a figura de Leonardo da Vinci; a segunda trata da gestão museológica e o mercado, e a terceira preocupação

exibida, é com relação à museografia e à apreensão dos usuários tanto do espaço como das exposições.

Alguns dos artigos do livro se preocupam mais especificamente com o imbricamento de trajetórias de locais de memória e suas coleções com o trajeto de certos profissionais. Um deles “Léon Appert – da indústria ao museu” de autoria de Anne-Laure Carré e “Marcellin Jobard; outro texto se intitula, “Museu da indústria de Bruxelas” de autoria de Marie-Christine Claes; e, finalmente, o escrito “Sociedade industrial de Mulhouse e a memória têxtil” de Florence Ott. Todos eles têm em comum a importância da individualização nos afazeres ligados à cultura e ao patrimônio. Fazer-nos pensar sobre o papel do indivíduo nos seus contextos, modificando-os, ao mesmo tempo, que permanecem mergulhados nos padrões sociais de seus grupos sociais.

No artigo, “Expor a invenção” de Marie-Sophie Corcy, a autora valoriza as “exposições universais” para os museus técnicos, industriais do século XIX e XX, enfatizando a importância das exposições para aquisição de acervos e igualmente para se pensar a museografia.

Do ponto de vista museográfico, as exposições universais convidam os inventores e construtores a refletir sobre os modos de apresentação da técnica... etapas sucessivas de um procedimento ou fabricação, começam a aparecer nos estandes...<sup>7</sup>

Os conceitos de patrimônio e memória são o foco do pesquisador José Newton C. Menezes, em seu texto intitulado “Os alambiques, a técnica da produção da cachaça e seu comércio na América portuguesa”, examina documentação e uma historiografia a respeito do “saber fazer” e dos objetos da produção da cachaça nas Minas Gerais durante a América Portuguesa, assim como nos oferece informações acerca das lutas contra e a favor da regulamentação da bebida na Colônia e a concorrência com a produção do Reino.

Maria Eliza L. Borges no artigo, “Exposições Universais e Museus Comerciais: entre o efêmero e o permanente”, entre o dilema de responder o ideário do contínuo progresso industrial e o fim das exposições universais como espaços privilegiados

de tal expectativa, *descreve a conjuntura da constituição do Museu Comercial do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX. Para Borges:*

[...] as exposições não duravam... natureza efêmera... a Academia de commercio do RJ propôs uma parceria com o poder publico municipal para criar um Museu Commercial na capital federal... fins de 1905, o museu foi aberto... peça fundamental na guerra do Brasil moderno contra o Brasil pitoresco...<sup>8</sup>

O texto “Museus e desenvolvimento industrial em Lille” de Dominique Vandecastee se pauta na conjuntura de criação do espaço museológico e a necessidade de educação técnica (tecnológica) naquele momento da França do século XIX. .

Tem-se em “Preservação do patrimônio científico e técnico no Japão,” de Kubota Toshio, a descrição bastante inovadora da experiência do Museu Nacional de História Natural e Ciência, fundado em 1877 que atualmente funciona ao mesmo tempo em cinco lugares diferentes do Japão. Além da pluralidade dos espaços o museu realiza um trabalho inusitado com instituições privadas, o de catalogar acervos ligados a diferentes setores técnicos de empresas. Os dados são digitalizados e ficam à disposição, via internet, mas os objetos estão sob a guarda dos proprietários e não do museu.

O artigo “O patrimônio contemporâneo: Programa Nacional e Projeto Europeu,” de Catherine Cuenca, conta que desde 2003, o “Musée des arts et métiers de Paris”, se preocupa com a conservação do patrimônio científico e técnico contemporâneo do país, cuja intenção principal é legar às novas gerações um tipo de informação que divulguem certos avanços técnicos. Os objetos de comuns e cotidianos passam a objetos patrimoniais, graças a programas criados nas últimas décadas do século XX pela instituição. A autora ainda demarca a preocupação com profissionais vinculados aos tais projetos, que começam a deixar o trabalho, devido às aposentarias.

A coletânea traz consequências de leituras, faz o leitor interpelar-se sobre litígios para além dos textos como, por exemplo: como um objeto ou um conjunto deles (coleções) tornam-se patrimônios? Sobre políticas de composição/guarda de acervo,

sobre os profissionais e suas formações para as tarefas ligadas ao patrimônio, entre outras.

Daí que, entre as lembranças surgidas com a leitura do livro em questão, está a obra “Objeto Danado”(2004) do professor e ex-diretor do Museu do Ceará Francisco Régis L Ramos, e com ela finalizo o texto. Segundo Ramos, o objeto escapa à ordem ou a função que foi designada a ele; parece-nos que assim se comportam as coleções em debate nos artigos da coletânea *Inovações, coleções, museus* aqui resenhada. Diz-nos Ramos (2004):

A palavra “danação” tem sentido de fúria ou raiva, mas ainda pode ser compreendida como anátema ou condenação a penas eternas. E na região do Nordeste, com o sotaque próprio do autor, ela pode significar balbúrdia, confusão, trapalhada.

Nos artigos, as coleções de objetos danados, estão carregadas ao mesmo tempo do enquadramento do discurso que as originaram e de elementos de relações, mediações, diálogos não esperados (desejados) quando pensados, sistematizados, expostos.

## Notas

(1) P. 8

(2) N.51/52, fevereiro de 2010.

(3) *Cazuza*. O Tempo não para. 1988.

(4) P. 9.

(5) P. 18.

(6) P. 41.

(7) P. 108.

(8) P, 148.

## **Referências bibliográficas**

RAMOS, Régis, *A danação do objeto*. O museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004, p. 9.

## **Créditos**

\* Doutoranda em História/Universidade Federal de Minas Gerais e docente do curso de História da Universidade Estadual do Ceará-(Fafidam/Uece). E-mail: [ivaulisses@yahoo.com.br](mailto:ivaulisses@yahoo.com.br).